# MUSEU FREI GALVÃO
## ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
## CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ


**Praça Conselheiro Rodrigues Alves n ° 48 - 2 ° andar**
**museufreigalvao@bol.com.br**


**2004** **n° 249**


# ÁGUAS DE GUARATINGUETÁ

Acompanhando o que acontecia com as comunidades indígenas, o povoado de Santo Antônio de Guaratinguetá nasceu entre águas. A capela construída pelos primeiros povoadores, no mesmo local da atual Catedral, foi erguida em uma elevação que meava as águas dos ribeirões de São Gonçalo e dos Mottas. À frente, descendo sempre, ia alcançar as margens do rio Paraíba. E foi em suas águas que se encontrou, em 1717, a imagem de Nossa Senhora da Conceição ***"aparecida no Rio Paraíba, no termo da Vila de Guaratinguetá"***.

Ainda nos moldes dos índios e dos mamelucos, os moradores se abasteciam dessas águas correntes para todos os fins: para beber, para cozinhar, para lavar tanto as tigelas como as roupas, para os banhos, para tudo servindo a água corrente dos ribeirões. Nas residências guardava-se a água em grandes potes, alguns se servindo também de poços, de cisternas, e, raras vezes, de fontes particulares.

É fácil compreender como então se fazia a higiene da vila, uma vez que todos descarregavam as imundícies nos ribeirões e, às vezes, mesmo no rio. Para essas águas, os escravos levavam e descarregavam as tinas ou latas, alcunhadas de **"tigres"**, repletas dos dejetos. Os respingos, por vezes involuntários, mas muitas outras vezes propositais, eram fonte de constantes atritos.



Para servir aos moradores, havia também os **"aguadeiros"**. Em odres de couro ou em lombo de muares, vendiam o líquido a domicílio. Considerando todas essas dificuldades, a Câmara compreendeu a necessidade da

abertura de chafarizes públicos, que fornecessem a água indistintamente para a incipiente população. Contudo, pelas dificuldades não só da coleta da água como de sua canalização, foram poucos esses chafarizes que, não raro, também se tornavam pontos de mexericos e de inevitáveis disputas.

Uma das primeiras notícias de chafarizes em Guaratinguetá data de 1834, narrando a ata da Câmara de 7 de janeiro:

***"Indicou o Vereador Costa Campos, que se achava deteriorado o xafariz da Figueira, tornando-se sua água por isso mesmo em algum tanto turva, sendo aliás a melhor de toda a Villa, merecendo que esta Câmara lançasse hum golpe de vista sobre seo melhoramento, por isso que redundava em utilidade publica: a cujo respeito deliberou que se oficiasse ao Fiscal, afim de ir com pessoa idônea ver o concerto que exije o dito xafariz..."****(p. 3V).*

Em face da urgente conveniência, não apenas de uma melhor distribuição da água como, também, da canalização das águas servidas, na Câmara Municipal, em sessão de 21 de novembro de 1895, assim ficou registrado: ***"o abastecimento d'água potável e o estabelecimento de uma regular rede de esgotos nesta cidade constituem desde algum tempo uma das mais palpitantes necessidades reclamadas a bem da respectiva população*** *sempre crescente como das* ***suas condições higiênicas: e de que esta municipalidade jamais a descuidou desses melhoramentos prova o fato de ter logo após o início de sua administração solicitado do Governo do Estado que pela respectiva Comissão de Saneamento*** *- a exemplo do que já havia feito para outras comunidades -* ***fossem feitos*** *os estudos e orçamentos desses* ***serviços, no que só pode ser atendida no corrente ano..."***

No alto de um morro que margeava a estrada que conduzia à recém organizada Colônia do Piagui, à margem esquerda do rio Paraíba, pelo engenheiro Rudge Ramos foi construída uma **Caixa D'Água**, que receberia as águas represadas do ribeirão que vinha dos Lemes. O belo prédio, que foi inaugurado em 1897, mantém até hoje sua estrutura original, lembrando uma fortaleza, de lá se divisando ampla vista de Guaratinguetá, de Aparecida e do próprio Vale do Paraíba. Em 15 de outubro de 1984, a Lei nº 1781 declarou a **Caixa d'Água "monumento de valor histórico e arquitetônico de Guaratinguetá".**

Mesmo com a distribuição por rede pública da água potável, os chafarizes continuavam servindo à cidade, tendo ficado famoso o **Chafariz das Águas Férreas.** Desativado na década de 1940 com a urbanização do

Bairro Jardim Tamandaré, era antes muito procurado para tratamento de anemia, pelo valor curativo de suas águas.

Ficou na lembrança dos mais antigos o chafariz conhecido como **"a Bica"**, que batizou o antigo **Largo da Bica**. Já em desuso, foi desativado, quando a Prefeitura executou o arruamento da praça 15 de Novembro.

O Anuário da Gazeta do Povo, de 1904, informa a existência de um **"chafariz e tanque** no quartel da Força Pública local", que era a antiga cadeia, e que foi demolido para a construção da atual Delegacia e Cadeia Pública.

Ao centro da antiga Praça do Mercado, (que então incluía o amplo Amarradouro, onde se descarregavam as tropas e os carros de bois), e que se reduziu no atual Mercado Municipal, existiu o **Chafariz do Mercado**, armado em pedra de Lioz, com coluna em metal canelado e quatro grandes torneiras laterais. No Alto das Almas se construiu uma **caixa d'água**, com água potável para atender às casas.

**Bebedouros** para animais foram colocados em vários pontos, como no Largo do Rosário e na Praça da Estação, onde se reuniam carroças de aluguel.

Na saída da cidade para Lorena, o abastecimento de água potável se fazia no **Chafariz da Chácara** de D. Ignez Teodora da Silva, a construtora da Igreja de Santa Rita, templo que batizou o bairro. Na administração do Prefeito Rafael Américo Ranieri, esse chafariz, com alta coluna em pedra trabalhada, foi adquirido pela Prefeitura e colocado no antigo Matadouro, hoje Centro Municipal de Formação Profissional Profª Mariana Carvalho Vieira da Silva, no bairro do Pedregulho.

Nas primeiras décadas do século XX, começaram a ser desativados os chafarizes. Em sessão da Câmara de 18 de agosto de 1915, o vereador José Ferreira Viana apresentou projeto de lei, aprovado, que pediu a demolição do **chafariz da Praça 13 de maio** (atual Conselheiro Rodrigues Alves) ***"para a construção, no mesmo local ou onde mais convier, na dita Praça, de um pequeno e elegante coreto, correndo as despesas pela verba Obras Públicas"***.

Entre as fontes, a mais famosa, e até engarrafada, foi a **Fonte Nossa Senhora Aparecida**, de água rádio-ativa, de mesa, própria para moléstias do estômago, intestinos, fígado e rins. Foi descoberta em Aparecida, que então pertencia ao município de Guaratinguetá. Desapareceu com a abertura da Dutra.

Pouca ou muita água era problema. Relatório do prefeito Pedro Marcondes Leite nos informa que ***"devido ao grande período de seca, ressentiu-se um pouco o abastecimento, com a grande diminuição d'água nos mananciais"***. O excesso trazia prejuízos. Relatório de 1927, informa que ***"uma grande enchente verificada no Rio dos Lemes na noite de 7 de março, que produziu grande desmoronamento, ocasionou a interrupção de fornecimento de água até o dia 11 do mesmo mês"***.

O abastecimento da água sempre preocupou os poderes municipais. Relatório de 1932, do Prefeito Dr. Gastão de Meirelles França, fez constar: ***"Nenhum melhoramento público sobreleva o da regularização do abastecimento d'água local cuja solução deve concretizar-se em 1933"***. Contudo, foi somente no final do século XX que Guaratinguetá ganhou uma **estação de tratamento de água (ETA),** responsável por toda a água captada superficialmente, com fins de consumo humano, comercial ou industrial. Tratando 260 litros/seg. de água, é responsável por 92% da água consumida. Os 8% restantes vêm de poços tubulares profundos, que atendem aos bairros Parque das Árvores, Jardim Santa Luzia e Pingo de Ouro. A ETA situa-se na Estrada Vicinal Plínio Galvão César, que leva ao bairro dos Pilões.

Hoje, sob a responsabilidade do Serviço Autônomo de Águas e Esgotos de Guaratinguetá - SAAEG, nossas águas também se tornaram, através dos tempos, inspiração para as **Artes**. Em *"Histórias do rio Paraíba"*, J.B. Mello e Souza dedicou, em 1952, um capítulo ao rio e a Nossa Senhora Aparecida. De 1957 é a tela *"O Vale da Padroeira"*, de Ernesto Quissak, com a paisagem fluvial, do Pedregulho. A ponte metálica ficou imortalizada nos postais de Zeantonio, em 1985. Da mesma década, é a música *"Paraíso, Paraíba"*, de André Barbosa Filho, de seu disco Tradição. Em 2004, *"Os Seresteiros de Guaratinguetá"* no CD *"Contemplando o Paraíba"*, inspiraram-se na valsa homônima de Bomfiglio de Oliveira.

A publicação dessa monografia se faz neste ano de 2004, quando a **Água - Fonte de Vida** é o tema da Campanha da Fraternidade da Igreja Católica no Brasil. Também a Escola de Samba Embaixada do Morro de Guaratinguetá o escolheu como enredo de seu desfile para o próximo ano: **Água, fonte de vida... O Sangue do Vale é o Paraíba!.**

***Thereza Regina de Camargo Maia***

**Fonte de Consulta:** - Arquivo Memória de Guaratinguetá do Museu Frei Galvão.

**Nota:** - no desenho de Tom Maia a Caixa D'Água - monumento histórico e arquitetônico de Guaratinguetá.